

A importância da Arquitectura

Desde o primeiro dia do curso de arquitectura, tínhamos a consciência da importância para cada um de nós da escolha de uma actividade profissional que nos aparecia como uma missão e um grande sentido de responsabilidade.

Suponho que este sentimento de responsabilidade e um forte sentido ético é comum a todos os que iniciam uma profissão, provocando-nos a consciência da obrigação de nos prepararmos o melhor possível, para responder ao que no futuro nos seria pedido. Neste caso era importante a Arquitectura. Acreditávamos que, através da sua prática, poderíamos contribuir para a felicidade das pessoas, criando ambientes de beleza e harmonia, que ajudariam a dar sentido à vida. Não estava ausente um certo sentido de sagrado.

Tudo isto vem a propósito duma pequena festa que teve lugar há pouco num edifício de habitação, em Lisboa, passados 50 anos sobre a elaboração do projecto e a respectiva construção. Dezenas de moradores reuniram-se no átrio principal para celebrar a passagem para os residentes da propriedade do prédio, até então apenas alugado. O edifício em questão é o chamado Bloco das Águas Livres, às Amoreiras, propriedade inicial da Companhia de Seguros Fidelidade.

Venho aqui dar o meu testemunho como co-autor do referido projecto com o arquitecto Nuno Teotónio Pereira. Elaborado no princípio dos anos 50, desde o início que houve uma preponderante intervenção dos arquitectos na definição do programa, o que lhe conferiu algo de excepcional na prática corrente de prédios de rendimento, embora constituísse, tal como os outros, um investimento que se pretendia rentável.

Inspirado no conceito da Unidade de Habitação de Le Corbusier, construído poucos anos antes, e denominado pelo colaborador arquitecto Candilis como “a casa da felicidade”, pretendia-se conceber um edifício de habitação dotado de instalações comuns muito desenvolvidas, na convicção de que a célula de habitação não era auto-suficiente e que seria desejável a criação de um espírito comunitário, para uma resposta mais rica de um lugar para habitar.

Foi com esse espírito que se elaborou o projecto, aproveitando a existência de uma massa crítica dada pelas dimensões do edifício, à época pouco vulgares, pois foi construído aproveitando vários lotes, o que levou a uma alteração do projecto de loteamento efectuado pelo arquitecto Manuel Tainha, então funcionário da Câmara. Criou-se assim um edifício multifuncional com habitação, escritórios, ateliers e lojas, além de serviços comuns pouco usuais – fornecimento de água quente, aquecimento central, lavandaria, recolha de lixos, garagens, monta-cargas para mobiliário e portaria permanente. Como característica inovadora, foi criada ainda uma sala com um amplo terraço, para convívio e festas, aproveitando as magnificas condições de vista e exposição do local.

Por outro lado, o edifício destinava-se a habitações de qualidade, respondendo a um padrão de vida moderno, e todo o projecto foi desenvolvido com grande cuidado

construtivo e carinho, tendo-se dado grande importância à pormenorização, ao emprego de materiais de qualidade e a técnicas de construção inovadoras. Dentre estas, deve salientar-se o uso pela 1ª vez entre nós de lajes fungiformes, integradas no projecto de estruturas, da autoria do engenheiro militar, hoje general, Vasco Gonçalves. Para o excelente resultado das intenções dos projectistas muito contribuiu o excelente trabalho do empreiteiro, engenheiro Ângelo Ramalheira.

São ainda de salientar os contributos dos artistas e técnicos convidados a colaborar: Frederico George, autor do estudo cromático do edifício e de pinturas murais; Gonçalo Ribeiro Teles, no projecto do jardim (hoje destruído); Almada Negreiros, com dois notáveis murais de mosaico; Jorge Vieira, autor dos relevos em pedra do embasamento; Manuel Cargaleiro, com um vitral, depois retirado para a sede da Fidelidade, e José Escada que desenhou um esgrafito em betão.

A aquisição do edifício pelos seus moradores, após 50 anos de arrendamento, representa uma resposta à influência que a Arquitectura pode ter no desenvolvimento de um espírito de comunidade e de amor a um sítio de habitar, onde as pessoas se reconhecem. Grande parte dos seus habitantes actuais são ainda da origem do edifício e deve salientar-se que o processo de transferência da propriedade não foi isento de dificuldades, dado que em competição com uma empresa estrangeira que pretendia adquirir o prédio. A pequena festa para a qual os autores foram convidados, como patronos da associação de condóminos, representou a melhor gratificação que o trabalho de um arquitecto pode ter.

Como objectivo prioritário a atingir nesta nova fase da vida do edifício, foi apontada a recuperação da sala e do terraço de convívio, que o anterior proprietário alugou para escritório de uma empresa.

Lisboa, 23 de Outubro de 2002